



Universidade de Brasília  
Departamento de Letras Português

Laura Montalvão Seábra de Alvarenga Takahashi  
Matrícula 140025065

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O ENSINO DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA  
PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA**

Dezembro/2025

ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O ENSINO DA GRAMÁTICA EM LÍNGUA  
PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado  
ao curso de Letras Português (noturno), da  
Universidade de Brasília.

Professora Orientadora: Prof<sup>a</sup> Heloísa Salles

Brasília DF  
Dezembro/2025

**"A escola não é um lugar para formar apenas profissionais, mas seres humanos capazes de pensar, amar e sonhar."**  
— Augusto Cury

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me sustentou até aqui, me deu vida, disposição e forças para continuar esse curso, ainda que estivesse difícil. Agradeço também ao meu marido que me incentivou a dar continuidade nos estudos de língua portuguesa, aos meus pais que me encorajaram a sempre buscar o melhor e não ficar acomodada. Gostaria de agradecer a cada professor que, durante o curso me mostrou com palavras, carisma e atitudes que vale à pena o ensino de gramática e quero agradecer também à professora Heloísa Salles que acatou prontamente minha ideia sobre o tema deste TCC, me encorajou, mostrou o caminho a seguir e hoje podemos ver um trabalho espetacular.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a Deus, pois foi e é o meu maior encorajador, pois sem ELE não teria vida, fôlego. Obrigada Senhor, por estar sempre ao meu lado e me mostrando que tudo posso em Ti.

## **RESUMO**

Este trabalho analisa comparativamente o ensino de gramática da língua portuguesa na Educação Básica e o ensino de gramática da língua inglesa como língua estrangeira (L2/LE). Fundamentado em concepções teóricas de língua, gramática e ensino, o estudo discute o papel do livro didático e das abordagens metodológicas adotadas em cada contexto. A pesquisa, de caráter bibliográfico e analítico, examina materiais didáticos do ensino de português e de inglês, evidenciando diferenças entre uma abordagem predominantemente normativa e outra voltada ao uso comunicativo da língua, em que se verifica a participação ativa do aluno na análise linguística e gramatical. Os resultados apontam para a necessidade de práticas mais contextualizadas no ensino da gramática do português, que se aproximem de estratégias já consolidadas no ensino de línguas estrangeiras.

**Palavras-chave:** Ensino de gramática. Língua Portuguesa. Língua Inglesa. Livro didático.

## **ABSTRACT**

This study presents a comparative analysis of grammar teaching in Portuguese language education and in English as a foreign language (EFL). Grounded in theoretical perspectives on language, grammar, and teaching, the research discusses the role of textbooks and methodological approaches in each context. Through bibliographic research and textbook analyses, the study highlights differences between normative grammar teaching in Portuguese and communicative approaches in English. The findings suggest the need for more contextualized grammar practices in Portuguese language teaching, drawing on strategies commonly used in foreign language instruction.

**Keywords:** Grammar teaching. Portuguese language. English as a foreign language. Textbooks.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	p.9
2. SEÇÃO I: Metodologias, tecnologias e o ensino da gramática no contexto contemporâneo .....	p.11
2.1. A tecnologia educacional e os impactos da pandemia no ensino .....	p. 13
2.2. Letramento digital, leitura e escrita no ensino de Língua Portuguesa .....	p.14
2.3. O ensino de gramática mediado por tecnologias digitais e recursos lúdicos .....	p. 15
2.4 Recursos manuais e visuais no ensino da gramática: contribuições de Pilati (2017) .....	p.16
2.5 O ensino da gramática da língua portuguesa para falantes de português (L1) e sua aproximação com o ensino de línguas estrangeiras (LE) .....	p.17
2.6 Considerações parciais .....	p. 17
3. SEÇÃO II: O ensino de gramática na língua portuguesa e na língua inglesa: perspectivas e abordagens .....	p.18
3.1 O papel da linguística, a BNCC e o livro didático. ....	p.19
3.2 O papel da linguística e as metodologias do ensino de língua estrangeira. ....	p.20
3.3 Considerações parciais .....	p.22
4. SEÇÃO III: Análise comparativa no ensino de gramática em línguas didáticas de língua portuguesa e de língua inglesa .....	p. 23
4.1 O livro didático de português .....	p.23
4.2 O livro didático de inglês .....	p.25
4.3 Análise comparativa entre o livro didático de português e inglês. ....	p.26
4.4 Considerações parciais .....	p.27
5. CONCLUSÃO .....	p. 28
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	p. 30
7. ANEXOS.....	p. 33



## INTRODUÇÃO

Compreende-se que a cada ano que passa, os jovens, adolescentes e crianças, tem cada vez mais contato com as tecnologias, o que pode ser muito bom, se bem aproveitado para os estudos, ou pode ser prejudicial ao aprendizado, culminando no vício de uso das tecnologias em geral, e com graves consequências para o desenvolvimento intelectual, social como pessoa, entre outros efeitos negativos. Além disso, diante de tanta informação que se encontra navegando na internet, os alunos podem não conseguir filtrar, podendo ser constantemente bombardeados por uma infinidade de conteúdos que, sem acompanhamento, acaba mais prejudicando do que ajudando as crianças e adolescentes em seus aprendizados acadêmicos.

Conforme amplamente alertado por educadores, médicos e psicólogos, o uso de tecnologias, como celulares, computadores, vídeo games e o acesso em demasia às redes sociais e aos diversos aplicativos, acaba afetando a relação entre o ensinar e o aprender, entre o professor e os alunos, podendo-se estender essa consequência à relação entre pais e filhos e no convívio social, criando pessoas solitárias, que não conseguem se comunicar, nem se expressar por meio de palavras ou por escrita. Por esse motivo, os educadores da contemporaneidade precisam de encontrar um elo entre o aprender e as tecnologias, incentivando o seu uso correto e aproveitando essa ferramenta no ensino das competências que envolvem a gramática, a leitura e a escrita da língua, em particular a língua portuguesa. Isso mostra uma exigência de um aprimoramento constante dos professores para conhecer as inovações tecnológicas, para trazer para os alunos o caminho para o uso adequado de seus recursos.

Diante disso, há uma preocupação com o ensino da gramática nas salas de aula e em como os nativos digitais estão aprendendo algo que, para eles, parece ser sem sentido, por conta dos termos utilizados e, muitas vezes, por ser algo tão distante da realidade vivida por nossos alunos, que são fluentes na linguagem informal da língua portuguesa e, ao se deparar com um ensino totalmente diferente do que eles aprenderam em seu ambiente familiar, se veem

desinteressados e se perguntando em que será utilizado aquele conhecimento que se torna obrigatório nas escolas.

A primeira observação que gostaríamos de fazer é que, na escola, os alunos acabam tendo contato com o português como segunda língua, pois a língua que lhes é apresentada, possui características distintas daquela que utilizam. Isso se deve ao fato de que essa língua está vinculada aos usos formais, com os quais o/a estudante ainda não tem contato ou, se isso acontece, essa exposição é incidental, pois não envolve a imersão observada quando se dá a aquisição da língua materna, considerada a primeira língua. Essa distinção é a base de nossa discussão, como veremos adiante.

Diante das contradições em relação ao papel da tecnologia, hoje em dia, para educadores, para as famílias e para a sociedade em geral, pode ser considerado um tabu a utilização da tecnologia como uma ferramenta de ensino nas escolas, muitos especialistas defendem que o ensino só é eficiente se voltar às suas raízes, quer dizer, com lápis e papel, pois o corpo humano aprende algo por repetição. Apesar de ser algo muito verdadeiro, essa afirmação pode estar deixando de lado ferramentas que podem ser muito úteis para que os alunos saiam da Educação Básica, sabendo conjugar os verbos corretamente, ou seja, que eles realmente aprendam o conteúdo que está sendo passado nas escolas e não apenas decorem a matéria para passar de ano. Para isso, é necessário que os professores saiam da zona de conforto que é ensinar a gramática de maneira normativa, insinuando que os alunos já dominam a língua, porém desconsidera o contexto social atual em que vive o povo brasileiro.

Além disso, a utilização de tecnologias em sala de aula não se limita ao uso de ferramentas que são encontradas na internet, como aplicativos e jogos *online*, algo que para quem está aprendendo inglês, por exemplo se encontra com muita facilidade e gratuitamente, como parte da metodologia utilizada. Porém, trata-se de algo que vai muito além, são metodologias para serem usadas em sala de aula que são desenvolvidas com o objetivo de que os alunos participem e aprendam de maneira mais leve, muitas vezes sem sentir que estão aprendendo um conteúdo considerado difícil, por apresentar níveis de complexidade. No entanto, se ensinado de maneira lúdica em que os alunos sejam mais partícipes

em sala de aula, o mesmo conteúdo é visto de uma maneira diferente e inclusive a sua aceitação é diferente. Agora, do mesmo modo em que um professor se esforça em se atualizar para ensinar uma língua estrangeira, como o inglês por exemplo, deve-se ter o mesmo princípio ao ensinar a língua materna, o que muitas vezes é ignorado.

No ensino de línguas estrangeiras, tem sido muito eficiente o uso de tecnologias na implementação do método comunicativo. As atividades são orientadas para que o aluno aprenda primeiro a falar, independentemente das estruturas gramaticais envolvidas, para posteriormente estudarem as propriedades e o motivo pelo qual aquela estrutura gramatical é usada, ou seja, o objetivo do ensino tem sido que os alunos compreendam a estrutura gramatical em uso para depois então entrar com o conceito gramatical. No entanto, o ensino de língua materna não recorre a esse tipo de estratégia/ metodologia ou pelo menos não o faz de maneira sistemática, ou seja, não está previsto no processo de ensino e aprendizagem o uso desses recursos como parte do ensino e da aprendizagem. Essa comparação se faz mais relevante ainda se verificamos que o ensino da língua escrita no componente curricular língua portuguesa envolve atividades com materiais didáticos, geralmente impressos no livro didático sob a forma de textos, seguidos de exercícios e de perguntas de atividades voltadas para o ensino da gramática, sendo pouco eficientes no ensino da gramática em si, pois, são ensinadas várias nomenclaturas de algo com que os alunos, especialmente de ambientes periféricos, não estão familiarizados, pois tem contato com tais estruturas. Para essas pessoas o ensino da gramática é visto como algo novo e fora do seu contexto de sua realidade social e linguística.

Há muitas metodologias para o ensino de outro idioma, *apps* como o “duolingo” e tantos outros, gratuitos, pagos, professores *online*, aulas adaptadas, tudo para que o aluno consiga alcançar a meta de falar a língua estrangeira, particularmente o inglês, com perfeição, seja aprovado nas provas de proficiência, consiga contratos em que o uso do inglês seja necessário, e mesmo empregos. Também existem as escolas que ensinam inglês e possuem uma metodologia que se baseia em jogos e brincadeiras, que levam as crianças a interagirem no outro idioma para aprenderem e fixarem as palavras, frases e as

estruturas. Dessa forma, a metodologia dá muito certo, pois, através dos jogos e brincadeiras elas ficam mais interessadas, ansiosas para chegar a sua vez e acabam gravando o conteúdo ministrado. Nossa hipótese é que podemos fazer com que estudar gramática da língua portuguesa seja tão interessante quanto estudar a gramática do inglês. Esse entendimento encontra respaldo ainda no fato de que a gramática da língua escrita, no contexto escolar, tem características de segunda língua (L2), uma vez que a gramática da oralidade que a criança utiliza tem características distintas, conforme bem argumenta Kato (2005).

Neste trabalho, faremos uma discussão ilustrando o contraste entre materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira, em particular o inglês de nível intermediário, e para o ensino de língua portuguesa no fundamental II, como será demonstrado o conteúdo do ensino de verbos de certos tempos e modos verbais é essencialmente idêntico.

A análise será estruturada da seguinte forma: na seção 1, demonstramos o uso de tecnologias e sua aplicação; na seção 2, apresentamos um recorte do material didático usado; na seção 3, desenvolvemos uma análise comparativa entre os materiais didáticos utilizados no ensino da gramática da Língua Portuguesa e da Língua Inglesa; na seção 4, apresentamos as considerações finais.

## **1 Metodologias, tecnologias e o ensino da gramática no contexto contemporâneo**

O mundo moderno exige um novo perfil de educador, que não deve se concentrar na concepção tradicional do professor como guardião exclusivo do conhecimento. Conforme destacam Medeiros, Azevedo, Andrade e Silva (2024), o professor da atualidade deve atuar como mediador do conhecimento, conduzindo o aluno para que este se torne protagonista de seu próprio processo de aprendizagem. Essa mudança implica o domínio não apenas dos conteúdos específicos de sua área, mas também de metodologias diversificadas e de recursos tecnológicos capazes de despertar a curiosidade e o engajamento dos estudantes.

No ensino de línguas, essa transformação torna-se ainda mais relevante, uma vez que a linguagem é um fenômeno social e dinâmico. Assim, o professor de Língua Portuguesa precisa adotar estratégias que dialoguem com as práticas sociais contemporâneas, incorporando tecnologias digitais como aliadas no processo de ensino e aprendizagem, inclusive no ensino da gramática.

Sabemos que essas mudanças foram intensificadas pela pandemia do COVID 19, que levou ao isolamento das pessoas, como estratégia de controle da propagação do vírus, tornando inevitável o uso da comunicação por via remota, com o desenvolvimento da tecnologia necessária para efetivar tal modalidade. É o que passamos a comentar, considerando brevemente as implicações entre a pandemia do COVID 19 e o desenvolvimento significativo do uso dessa tecnologia no contexto educacional.

### **1. 1 A tecnologia educacional e os impactos da pandemia no ensino**

A pandemia de COVID-19, iniciada em 2019, acelerou de forma significativa a inserção das tecnologias digitais no contexto educacional. Diante da impossibilidade do contato presencial, as aulas passaram a ocorrer majoritariamente em ambientes virtuais. Nesse período, professores recorreram a recursos como videoaulas gravadas, apresentações de slides e plataformas digitais para minimizar as perdas pedagógicas enfrentadas pelos alunos.

Embora muitos desses recursos fossem, à época, limitados ou utilizados de forma emergencial, esse contexto impulsionou o desenvolvimento de plataformas educacionais e ampliou a percepção sobre o potencial das tecnologias no ensino. Atualmente, essas ferramentas permitem que professores e alunos de diferentes regiões se conectem, ampliando o acesso ao conhecimento e criando possibilidades pedagógicas, inclusive como fonte de renda para educadores. Segundo Medeiros (2024), é fundamental que os professores se atualizem continuamente e incorporem novas metodologias e tecnologias às suas práticas, pois restringir o ensino ao material impresso significa limitar o desenvolvimento de competências essenciais para a vida contemporânea.

Assim, apesar dos avanços, o uso de plataformas digitais, bem como dos aplicativos e das ferramentas, requer o letramento digital da comunidade educacional – professores, estudantes e técnicos educacionais – por um lado, e a disponibilidade dos equipamentos e de recursos humanos qualificados – técnicos em computação e de programadores, por outro. No Brasil, tais requisitos encontram grandes obstáculos.

## **1.2 Letramento digital, leitura e escrita no ensino de Língua Portuguesa**

Apesar dos avanços tecnológicos, a realidade brasileira ainda apresenta desigualdades significativas no acesso às tecnologias digitais. No entanto, como ressalta Junqueira (2018), a ausência de recursos tecnológicos sofisticados não inviabiliza práticas pedagógicas inovadoras. Em contextos de baixa ou nenhuma tecnologia, materiais simples como cartolinas, revistas e atividades mediadas pelo professor podem promover letramentos digitais e multimodais. Essa abordagem já está citada em autores como Franchi (1991, p. 15), que ressaltam a importância do uso de recursos epilinguísticos, ou seja, de estratégias levem os alunos a “operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas”.

O letramento, especialmente no ensino de língua portuguesa, vai além da decodificação de palavras. Antunes e Geraldi defendem que a leitura e a escrita devem ser compreendidas como práticas sociais, fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico. Antunes (2011) afirma que ler é atribuir sentido, interpretar e compreender o texto em profundidade.

Entretanto, conforme apontam Crepaldi e Santos (2019), ainda é comum que a leitura na escola seja utilizada de forma quantitativa, limitada à avaliação da pronúncia ou fluência, sem aprofundamento interpretativo. Essa prática compromete a formação de leitores críticos e impacta diretamente o desempenho na escrita e no domínio gramatical.

Nesse sentido, a tecnologia pode atuar como mediadora de práticas de leitura e escrita mais significativas. O uso de blogs, fóruns e plataformas digitais

possibilita maior interação entre alunos e professores, além de permitir *feedback* em tempo real, conforme destacam Junqueira, Junqueira e Silvestre (2013).

Nesse sentido, o caminho pode ser traçado a partir do uso de tecnologias educacionais rudimentares, como os materiais simples de confecção caseira, em direção à adoção dos recursos tecnológicos digitais, que foram usados durante a pandemia, ainda que de forma pouco sistemática.

### **1. 3 O ensino de gramática mediado por tecnologias digitais e recursos lúdicos**

O ensino de gramática, tradicionalmente marcado pela memorização de regras e terminologias, pode se beneficiar significativamente do uso de tecnologias digitais e metodologias ativas. Plataformas como Kahoot e Wordwall possibilitam a criação de jogos educativos que transformam o aprendizado gramatical em uma experiência lúdica e interativa, estimulando o engajamento dos alunos.

Kenski (2012) afirma que o uso da tecnologia permite ao aluno abandonar a postura passiva e assumir um papel ativo no processo de aprendizagem. Essa abordagem reduz o desgaste físico e emocional do professor e contribui para um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e participativo.

Além disso, estudos baseados em Vygotsky destacam a importância do brincar no desenvolvimento cognitivo. A Zona de Desenvolvimento Proximal evidencia que a aprendizagem ocorre de forma mais eficaz quando mediada por atividades lúdicas e sociais. Dessa forma, aprender gramática brincando não apenas é possível, como pedagogicamente fundamentado.

Cabe, porém, qualificar o conceito de lúdico, para que não seja confundido com uma abordagem sem planejamento, descomprometida com os objetivos educacionais e com decisões sustentadas cientificamente. Nesse sentido, passamos a examinar a proposta de ensino de gramática de Pilati (2017), em que a tecnologia educacional é articulada com o pressuposto de que o estudante é dotado de um conhecimento linguístico inato, conforme propõe a abordagem teórica gerativista, de Noam Chomsky, que deve ser tomado como o

conhecimento gramatical prévio, que servirá de referência para o desenvolvimento de novos conhecimentos linguísticos.

#### **1. 4 Recursos manuais e visuais no ensino da gramática: contribuições de Pilati (2017)**

É importante destacar que inovação pedagógica não se restringe ao uso de tecnologias digitais. Pilati (2017) apresenta uma proposta metodológica designada como “Aprendizagem Linguística Ativa”, que utiliza recursos manipuláveis, assim entendidos como materiais que podem ser tocados, de forma concreta ou virtual, e com visualização acessível, em as expressões linguísticas são escritas em fichas recortadas em papéis coloridos, com diferentes formas geométricas, dispostas em varais, em painéis, para o ensino de conteúdos gramaticais (veja Anexos, Seção 1, p.33). Essas ferramentas são justificadas pelo pressuposto de que materiais concretos propiciam o desenvolvimento da aprendizagem, além de serem adequados ao ensino da gramática, por seu caráter sistemático, que pode ser expresso por meio de categorias e de padrões estruturais.

Diante disso, a autora criou a chamada Gramaticoteca (disponível no Instagram), que reúne materiais produzidos no contexto dessa proposta, além do aplicativo gratuito Gramatiquê, que apresenta tais ideias em jogos pedagógicos no formato digital. Pilati demonstra que conceitos como aposto, sujeito, predicado, além do uso da vírgula e da crase, podem ser trabalhados de forma concreta, visual e contextualizada. O uso de cores para identificar classes gramaticais e funções sintáticas facilita a compreensão e permite que os alunos construam frases e análises de forma ativa.

Essas práticas são especialmente relevantes para escolas que não dispõem de infraestrutura tecnológica avançada, mostrando que é possível promover um ensino significativo de gramática, com recursos simples e a criatividade docente.

## **1. 5 O ensino da gramática da língua portuguesa para falantes de português (L1) e sua aproximação com o ensino de línguas estrangeiras (LE)**

O ensino da gramática da língua portuguesa, quando excessivamente normativo e descontextualizado, pode ser percebido pelos alunos como o aprendizado de uma língua estrangeira. Lobato (2015) destaca que os estudantes já dominam a gramática de sua língua materna de forma intuitiva, por ser um conhecimento inato. O papel da escola é aprofundar esse conhecimento, explicando seu funcionamento em contextos reais de uso, considerando as diferentes possibilidades de expressão, o que inclui o trabalho com a oralidade e a escrita, e o contraste entre os graus de formalidade, o que corresponde aos diferentes gêneros textuais. Dessa forma, Lobato (2015) propõe a metodologia da 'descoberta', que consiste no trabalho contrastivo entre as estruturas linguísticas (primordialmente da oralidade e da escrita), com o objetivo de levar o aluno a identificar as categorias linguísticas relevantes, inferindo as propriedades gramaticais envolvidas, sem recorrer, pelo menos inicialmente, ao aparato teórico e classificatório.

Essa perspectiva aproxima o ensino de gramática do Português das abordagens utilizadas no ensino de línguas estrangeiras, como o inglês, que frequentemente adotam metodologias comunicativas, contextualizadas e lúdicas, além de pressupor que o aluno construa a nova gramática a partir do conhecimento linguístico da primeira língua, deduzindo intuitivamente as propriedades da nova gramática. Assim, torna-se pertinente questionar por que o ensino da gramática da língua materna não pode se inspirar nessas práticas, tornando-se mais significativo e motivador.

## **1. 6 Considerações parciais**

Esta seção evidenciou que o uso de tecnologias digitais combinado ao uso de recursos manuais e metodologias ativas pode ressignificar o ensino da gramática da língua portuguesa, tornando-o mais contextualizado, participativo e alinhado às práticas sociais da atualidade. No momento em que é integrada a leitura, a escrita, a abordagem lúdica e a tecnologia ao ensino gramatical, há uma possível aproximação das abordagens comunicativas semelhantes às adotadas no

ensino de línguas estrangeiras. Dessa forma, o aluno vê o aprendizado de gramática como algo mais interessante e não tão cheio de regras que aparentemente nunca serão utilizadas. Esses aspectos ajudam a preparar o terreno para a discussão acerca do ensino-aprendizagem de línguas pela análise comparativa entre o ensino de gramática do português (L1) e do Inglês (LE), que será desenvolvida nas seções seguintes.

## **2 O Ensino de Gramática da língua portuguesa e da língua inglesa: abordagens e perspectivas**

A maneira como a gramática é ensinada atualmente, nas escolas, está claramente ligada à concepção de língua adotada na escola ao longo da história da educação. No decorrer dos anos, o que prevaleceu no contexto escolar brasileiro foi uma visão de língua como um sistema fixo de regras, o que resultou em um ensino de gramática predominantemente normativo, focando na memorização de conceitos, classificações e exceções, e na noção de erro. Dessa maneira, o aprendizado da gramática consiste em dominar regras consideradas corretas, muitas vezes distantes do uso real da língua portuguesa no cotidiano dos alunos. É reconhecida a diferença entre a gramática da escrita e a da oralidade. No entanto, a escola não deve mistificar a gramática da escrita como a forma correta, enquanto as formas da oralidade são consideradas imperfeitas. Ambas são estruturalmente organizadas, devendo seu uso ser validado em sua funcionalidade.

Segundo Bechara (2009), a gramática normativa tem como objetivo descrever e prescrever o uso considerado culto da língua, sendo amplamente utilizada como referência no ensino escolar. No entanto, com os avanços da Linguística, especialmente a partir do século XX, essa concepção passou a ser questionada como referência para o desenvolvimento do componente curricular língua portuguesa na Educação Básica. Estudos da Linguística Textual, da Sociolinguística e da Análise do Discurso passaram a compreender a língua como prática social, histórica e variável, o que trouxe novas reflexões sobre o papel da gramática no ensino.

## **2.1 O papel da Linguística, a BNCC e o livro didático**

Desse modo, a gramática deixa de ser vista apenas como um conjunto de regras abstratas e passa a ser compreendida como aspecto inerente à língua e o estudo de sua estruturação uma ferramenta que ajuda o estudante na compreensão do funcionamento da língua em diferentes contextos comunicativos. Essa mudança de olhar implica exatamente o uso de práticas pedagógicas atualizadas e exige que o ensino de gramática esteja articulado à leitura, à escrita e às situações reais de uso da língua.

O ensino de língua portuguesa, em especial no Ensino Médio, o modo de ensinar a gramática tem sido alvo de intensos debates. Autores como Antunes (2007) não aprovam o ensino gramatical descontextualizado, declarando que somente a transmissão de regras não colabora para que o aluno leia melhor, escreva com mais clareza ou compreenda os sentidos dos textos. A autora afirma que, ensinar gramática deve significar ensinar a refletir sobre a língua em uso.

Esse conceito está vigente nos documentos oficiais que orientam a educação básica no Brasil. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que o ensino de Língua Portuguesa seja estruturado a partir das práticas de linguagem, incluindo a leitura, produção textual, a oralidade e a análise linguística/semiótica. Nesse documento, a gramática não se mostra como um conteúdo separado, mas como parte complementar do processo de construção de sentido nos textos. No entanto, ainda cabe considerar que o conhecimento gramatical é a base para o desenvolvimento linguístico, não só no processo de aquisição da língua materna (L1), como pressupõe a abordagem gerativista, mas também em relação aos novos conhecimentos, incluindo-se o desenvolvimento da escrita (Pilati et al. 2023).

Mesmo com essas orientações, essa abordagem ainda é distante do que acontece nas práticas escolares, estas ainda demonstram dificuldades em não praticar os modelos tradicionais. Muitos docentes, seja por formação inicial, seja pela pressão do currículo ou das provas, permanecem dando prioridade ao ensino gramatical voltado para a classificação e correção normativa. Esse fato

revela um descompasso entre a proposta teórica e o que é realmente realizado em sala de aula.

O livro didático preenche um lugar fundamental no atual modelo de ensino de Língua Portuguesa, especialmente nas escolas públicas, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Por esse motivo, essa ferramenta de estudos se torna um importante, senão o principal mediador das práticas pedagógicas e um instrumento pertinente à análise e compreensão de como a gramática é ensinada na escola.

Segundo Marcuschi (2008), embora muitos livros didáticos afirmem adotar uma abordagem baseada em gêneros textuais, ainda é comum encontrar atividades gramaticais que privilegiam exercícios mecânicos, como identificação de classes gramaticais e análise sintática fora de contexto. Rojo (2009) aponta que essa organização gera uma contradição interna nos materiais: ao mesmo tempo em que defendem uma perspectiva discursiva, mantêm práticas tradicionais de ensino gramatical.

Essa maneira de organização prejudica a integração entre leitura, escrita e gramática, permitindo que o aluno não entenda a função dos conteúdos gramaticais abordados na construção dos textos. Deste modo, o livro didático permanece apresentando uma visão fragmentada do ensino da língua materna, no caso o português, o que frisa a necessidade de análises críticas desses materiais, assim como a mudança no ensino da língua nas escolas, desde o nível básico, até o avançado.

## **2.2 O papel da Linguística e as metodologias do ensino de língua estrangeira**

O ensino de gramática no âmbito do ensino de Língua Inglesa como língua estrangeira, também sofreu alterações significativas no decorrer do tempo. A princípio, a predominância era do método gramática-tradução, cujo o ensino focava na tradução de frases soltas e na explicação de regras gramaticais. Esse modelo, provou-se pouco eficaz para o desenvolvimento da comunicação e outras habilidades solicitadas no aprendizado de uma nova língua.

Logo mais surgiu a abordagem comunicativa, cujo foco do ensino de línguas estrangeiras passou a ser o uso da língua em situações reais de comunicação. Celce-Murcia e Larsen-Freeman (1999) propõem que a gramática seja ensinada de forma integrada, considerando três dimensões: forma, significado e uso. Para as autoras, compreender uma estrutura gramatical envolve saber como ela é formada, o que ela significa e em quais contextos deve ser utilizada.

Essa maneira de ensinar um idioma que não é o falado no país, sobretudo o inglês em níveis intermediários facilitou o aprendizado dos alunos pois, a gramática é apresentada de maneira contextualizada, muitas vezes de maneira indutiva, partindo de textos, diálogos e situações comunicativas reais para então posteriormente, sistematizar as regras e mostrar para que serve cada uma delas. Os livros didáticos de inglês como língua estrangeira refletem, em sua maioria, as abordagens comunicativas contemporâneas. Segundo Richards e Rodgers (2014), esses materiais costumam organizar o ensino gramatical em ciclos que envolvem apresentação, prática e produção (PPP), favorecendo a participação ativa do aluno.

O que é o oposto do que ocorre em muitos livros de Língua Portuguesa, os livros de inglês tendem a tratar a gramática como um meio para a comunicação, e não como um fim em si mesma. As atividades priorizam o uso da língua em contextos próximos da realidade do estudante, com exercícios que envolvem interação, jogos, simulações e produção oral e escrita. Isso acaba facilitando o aprendizado de uma língua que não é falada no cotidiano dos alunos, permitindo inclusive que façam e passem em provas de proficiência, como o TOEFL, TOIC, dentre outros. A diferença metodológica é um ponto crítico para a análise comparativa entre os dois contextos de ensino, pois evidencia concepções distintas de língua, aprendizagem e papel do aluno.

Ao analisar as práticas de ensino de gramática na língua portuguesa e na língua inglesa é evidente as diferenças significativas, mas também pontos de afinidade. Enquanto o ensino de português ainda enfrenta diversos desafios para superar práticas normativas tradicionais, o ensino de inglês como língua

estrangeira já apresenta maior consolidação de abordagens comunicativas e contextualizadas.

Consideravelmente, quando é ensinada a gramática do português de forma excessivamente normativa, pode-se tornar esse ensino tão distante do aluno quanto o ensino de uma língua estrangeira. Nesse sentido, a comparação entre os dois contextos permite refletir sobre a necessidade de ressignificar o ensino da gramática da língua materna, inspirando-se em práticas mais funcionais, lúdicas e significativas, como é praticado no ensino de línguas estrangeiras, para que os alunos mantenham o interesse e aprendam.

Desta maneira, o estudo comparativo entre os livros didáticos e as abordagens de ensino de gramática em português e inglês, tendo como referência a abordagem da Linguística, contribuem para ampliar as discussões sobre formação docente, currículo e práticas pedagógicas, apontando caminhos para um ensino de língua mais coerente com as demandas do mundo contemporâneo.

### **2. 3 Considerações parciais**

As discussões exibidas nesta seção, mostram que o ensino de gramática, tanto na língua portuguesa quanto na língua inglesa, está diretamente ligado às concepções de língua. Nesse sentido, demonstrou-se a relevância da Linguística na definição das abordagens metodológicas, o que inclui considerar a gramática como conhecimento inato do aluno, que se manifesta na oralidade, e diversificado no contexto educacional pelo acesso às variedades linguísticas, incluindo-se a modalidade escrita, como se depreende da teoria dos gêneros textuais. As diferentes abordagens metodológicas utilizadas e o papel atribuído ao livro didático, resultam em um produto final aceitável ou não. No ensino de LE, adota-se a metodologia que se fundamenta na concepção de língua como um sistema dinâmico, bem como no uso de tecnologias que favoreçam sua utilização em diferentes situações comunicativas. A partir do que foi transmitido nessa seção, a próxima seção traz como essas concepções se materializam nas práticas pedagógicas contemporâneas, em especial por meio do uso de

tecnologias, metodologias ativas e propostas inovadoras para o ensino gramatical.

### **3 Análise comparativa do ensino de gramática em livros didáticos de língua portuguesa e de língua inglesa**

O livro didático ainda exerce papel central no ensino de línguas na Educação Básica, nas escolas públicas e particulares no Brasil. Por esse motivo, a análise desses materiais permite compreender não apenas as concepções de língua e gramática adotadas, mas também as metodologias que orientam a prática docente em sala de aula.

Nesta seção, é proposta uma análise preliminar comparativa entre a abordagem dada ao conteúdo de gramática em um livro didático de língua portuguesa, e ao conteúdo de gramática em um método de ensino de língua inglesa em nível intermediário para falantes de português, ambos para alunos do Ensino Médio. O objetivo é observar de que maneira o ensino da gramática é apresentado, quais abordagens predominam e como esses conteúdos se relacionam com as práticas de leitura, escrita e comunicação. A análise desses conteúdos não se restringe apenas à quantidade de conteúdos gramaticais, mas também à forma como esses conteúdos são abordados em sala de aula, isto é, se aparecem de maneira normativa, contextualizada, funcional ou comunicativa.

#### **3.1 O livro didático de português**

De modo geral, no livro didático de português os conteúdos gramaticais ainda continuam sendo apresentados em seções intituladas como “análise linguística” ou “reflexão sobre a língua”, geralmente associadas a textos de diferentes gêneros, mesmo com os autores afirmando que a temática abordada é baseada em gêneros textuais, conforme as orientações da BNCC. O livro em questão analisado é o “POLIEDRO - SISTEMA DE ENSINO”, 1ª SÉRIE, Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Apesar das recomendações da BNCC, ao analisar as atividades propostas, observa-se que, em muitos casos, a gramática ainda é tratada de forma fragmentada. Neste caso, é um livro que também é um preparatório para

vestibular, estima-se que os alunos já tenham uma boa noção da gramática portuguesa estudada ao longo dos anos. Por isso, é comum encontrar uma gama de exercícios que solicitam a identificação de classes gramaticais, funções sintáticas ou regras normativas, sem que haja uma relação clara com a produção de sentidos do texto. Essa prática reforça uma visão de gramática como fim em si mesma, e não como instrumento para a comunicação, ou seja, se o ensino de gramática estiver defasado, os alunos podem passar por esse processo apenas com um processo de memorização, também chamado de “decoreba”, e não aprendendo, de fato, como aplicar certos termos ou categorias em função das demandas sociais.

Além disso, a abordagem normativa ainda se faz presente, sobretudo em conteúdos como concordância, regência e uso da vírgula, frequentemente apresentados por meio de regras e exceções. Embora esses conteúdos sejam relevantes, a forma como são trabalhados pode dificultar a compreensão do aluno sobre sua função no uso real da língua. Especialmente quando alguns professores ensinam que a vírgula é uma marca no texto que auxilia na respiração, sem de fato envolver o real sentido e a função sintática e semântica, a alteração no sentido do texto e tantas outras propriedades que podem ser ensinadas de maneira lúdica e que os alunos acabam não compreendendo, muitas vezes por falta de recurso do professor ou até mesmo de ideias para explicar os fenômenos.

Como se verifica nos fragmentos do livro didático de língua portuguesa, apresentado nos Anexos, Seção 3, p. 34 a 44, o tema gramatical dos pronomes possessivos é abordado a partir de diferentes gêneros textuais: o cartoon ‘Hagar’, de Dik Browne, uma crônica de Millôr Fernandes, publicada na revista Veja, um texto dissertativo sobre a Água, retirado da internet. Os pronomes possessivos são identificados em sentenças extraídas desses textos, com a definição gramatical. A partir desses exemplos, os pronomes são apresentados em quadros, exatamente como na gramática tradicional.

### 3.2 O livro didático de inglês

Em contraposição com os livros de língua portuguesa, os livros didáticos de língua inglesa para falantes de português, especialmente em níveis intermediários, tendem a adotar abordagens comunicativas, como se observa nos fragmentos apresentados nos Anexos, Seção 3, p. 40 a 45. Nesses materiais, a gramática é geralmente apresentada a partir de situações comunicativas, diálogos, textos curtos ou atividades contextualizadas, com ilustrações e até mesmo a parte gramatical com cores diferenciadas para que o aluno compreenda a função sintática, semântica, onde e como utilizar aquela estrutura.

As estruturas gramaticais são inseridas no vocabulário dos alunos de forma gradual, muitas vezes de maneira intuitiva, permitindo que o aluno observe padrões de uso antes da explicitação das regras. Esse método permite a compreensão da gramática como parte integrante da comunicação, e não como um conjunto isolado de normas. É o que observamos, por exemplo, em relação ao primeiro texto “Health body”, que apresenta o tema da atividade física para promover a saúde. A atualidade do tema propicia a discussão inicial, que é guiada por perguntas que os alunos devem responder, espontaneamente.

Em seguida, é apresentado uma tirinha (cartoon), que também é abordado a partir de perguntas que os alunos devem responder oralmente. Após essa prática oral, é apresentada a definição de pronome retirada do dicionário (ou seja, não é a definição da gramática), e os alunos devem então circular os pronomes na tirinha. A previsão é que os alunos vão circular não somente os pronomes pessoais, mas também os pronomes possessivos. Em seguida, na frase ‘eat your salad’, retirada do texto, são destacados, por meio de duas setas, o pronome possessivo ‘your’ e o nome ‘salad’. A partir desse esquema, é apresentado o quadro em que estão separados os pronomes sujeito e os pronomes possessivos, mostrando a correspondência em cada pessoa do discurso: I – my/ You- your etc, seguindo-se um exemplo com o uso do pronome possessivo. Nota-se que os itens que compõem o sistema pronominal são identificados pelos alunos através da busca ativa no texto, a partir de um conceito

preliminar. O quadro demonstrativo é apresentado após a atividade em que esses itens são identificados.

Outro aspecto importante é a diversidade de atividades propostas. Os livros de ensino de inglês e os materiais à parte, costumam incluir exercícios de *listening*, *writing*, *speaking* e *reading*, além de jogos interativos durante as aulas, simulações diante de um contexto (chamados role-play) e tarefas colaborativas. A gramática, envolvida em um contexto como esse, funciona como suporte para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, o que contribui para uma aprendizagem mais significativa, onde os alunos conhecem a estrutura e aprendem de uma maneira mais sutil e leve.

### **3. 3 Análise comparativa entre o livro didático de português e de inglês**

A análise comparativa dos livros didáticos evidencia diferenças significativas entre o ensino de gramática da língua portuguesa e da língua inglesa. Enquanto os livros de ensino de inglês tendem a priorizar o uso da língua em contextos comunicativos, com imagens, textos e até mesmo vídeos, propondo atividades que desafiam os alunos a identificar e entender as propriedades dos itens gramaticais, os livros de ensino do português ainda apresentam forte influência de uma abordagem normativa e classificatória, apresentando definições e quadros com as categorias gramaticais.

Essa diferença de metodologia aplicada no ensino da gramática pode ser explicada, em parte, a partir do pressuposto de que o aluno já domina a língua e por esse motivo precisa apenas aprender as suas regras. Contudo, esse pressuposto desconsidera a complexidade do uso linguístico e as variações existentes na língua.

Nesse aspecto, o ensino de inglês, mesmo sendo uma língua estrangeira, muitas vezes se mostra mais funcional e mais próximo das práticas sociais do que o ensino da língua materna. Isso revela um paradoxo no ensino de línguas e reforça a necessidade de repensar o ensino de gramática do português à luz das abordagens utilizadas no ensino de línguas estrangeiras.

Por esse motivo, o estudo comparativo entre os livros didáticos de língua portuguesa e de língua inglesa nos permite identificar caminhos possíveis para a ressignificação do ensino gramatical na Educação Básica nas escolas brasileiras. As práticas adotadas no ensino de inglês, como a contextualização, o uso de atividades lúdicas e a integração entre gramática e comunicação, por meio de uma metodologia que propõe a descoberta e a busca ativa dos alunos, podem servir de inspiração para a inovação no ensino da gramática da língua materna, trazendo o conteúdo de maneira mais contextualizada e sintonizada com o dia a dia dos alunos.

Dessa maneira, a análise também evidencia a importância de uma nova formação docente que favoreça o uso crítico do livro didático e que mostre a importância de não dar aulas apenas expositivas ou conteudistas. O professor não deve ser um mero aplicador do material, mas um mediador capaz de adaptar o conteúdo no contexto social em que os alunos estão inseridos, complementar as aulas para que não se restrinjam à leitura e à interpretação ou ao uso de slides, que apenas reproduzem o conteúdo do livro. Dessa forma, o professor deve ressignificar as atividades propostas, de acordo com os objetivos de aprendizagem. Assim, o ensino de gramática pode deixar de ser compreendido pelos alunos como algo distante e desmotivador, passando a ser aceito como uma ferramenta essencial para a leitura, a escrita e a participação social.

### **3.4 Considerações parciais**

Este capítulo trouxe uma análise comparativa entre as abordagens dos livros didáticos para o ensino da língua portuguesa e da língua inglesa, mostrando as diferenças no ensino da gramática. Enquanto os materiais de inglês procuram adotar perspectivas comunicativas e mais contextualizadas, apresentando atividades que levam os alunos a identificar as categorias gramaticais, por meio da metodologia da descoberta, os livros de ensino do português mantêm a abordagem normativa tradicional, mostrando-se pouco eficientes no aprendizado e na aplicação gramatical na vida cotidiana dos alunos, e mostrando que, muitas vezes, esse tipo de abordagem, ao invés de aproximar, afasta os alunos, privando-os da atividade reflexiva, o que explica que deixem de ter interesse sobre o assunto abordado, por não fazer parte da vida deles. Esse estudo

comparativo, reforça a necessidade de repensar o ensino de gramática na Educação Básica, incentivando os docentes a adotarem práticas mais significativas, integradas e alinhadas às demandas contemporâneas, em que os alunos sejam considerados participantes ativos.

## **CONCLUSÃO**

O presente trabalho teve a intenção de analisar e comparar o ensino de gramática da língua portuguesa e o ensino de gramática da língua inglesa na Educação Básica, sobretudo, no Ensino Médio. A partir dos conhecimentos teóricos que fundamentam essa prática e a análise de ambos os livros didáticos, percebeu-se que o ensino de gramática não se limita apenas à apresentação de regras, mas que envolve as concepções da língua e da aprendizagem, que influenciam diretamente as metodologias adotadas em sala de aula.

A fundamentação teórica possibilitou a compreensão do que vem acontecendo de maneira histórica, diante do ensino da gramática da Língua Portuguesa, pois esta esteve fortemente associada a uma abordagem normativa, concentrada na memorização e classificação de conceitos, muitas vezes desconexos e desvinculados do uso real da língua. Mesmo que documentos oficiais, como a BNCC, apontem para uma perspectiva mais discursiva e contextualizada para o ensino de língua, ainda há desafios significativos na efetiva implementação dessas orientações, especialmente no que se refere ao papel do livro didático como mediador do ensino gramatical.

Em relação ao ensino de gramática em língua inglesa como língua estrangeira, notou-se uma diferença no uso de padrões e modelos marcados pela valorização das abordagens comunicativas, funcionais e contextualizadas, além do uso de metodologias em que os alunos devem reconhecer propriedades gramaticais, pela reflexão e pela análise das categorias em uso em textos de diferentes gêneros. Os materiais didáticos, sobretudo os livros, em sua maioria apresentam a gramática associada ao desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita, escuta e fala, favorecendo assim o uso do idioma em situações reais de comunicação. Essa diferença no uso das metodologias mostra que,

enquanto no ensino de inglês, a gramática é frequentemente trabalhada como meio para a comunicação, enquanto esta leva o aluno a entender o funcionamento da gramática, no ensino de português a gramática ainda é, muitas vezes, tratada como um fim em si mesma, uma vez que os conceitos gramaticais são reproduzidos no livro didático, sem um trabalho voltado para o entendimento da relação entre os conceitos e os fenômenos linguísticos.

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou refletir sobre a importância das metodologias ativas, do uso de tecnologias digitais e de recursos pedagógicos como aliados ao ensino de língua portuguesa, o que pode ser aplicado ao ensino de gramática. As práticas analisadas demonstram que a integração entre leitura, escrita, ludicidade e tecnologia pode tornar o ensino gramatical mais significativo, aproximando-o das práticas sociais de linguagens vivenciadas pelos alunos. Desta maneira, propostas como as desenvolvidas por Pilati (2017) evidenciam que é possível ensinar a gramática de forma acessível, visual e contextualizada, mesmo em contextos escolares com recursos limitados. Nesse sentido, mostra-se que os professores podem e precisam de aprimorar a maneira como ensinam, para não ficarem apenas no ensino normativo, tradicional.

A análise comparativa dos livros didáticos, ainda que preliminar, demonstrou que as diferenças entre o ensino de gramática do português e do inglês vão além da organização dos conteúdos, estando diretamente relacionadas às concepções metodológicas que orientam o uso desses materiais. Ao mesmo tempo que os livros didáticos de inglês tendem a favorecer a aprendizagem ativa e o uso contextualizado da gramática, os livros didáticos de português ainda apresentam uma presença significativa de exercícios estruturais e classificatórios, mesmo que já se observem avanços em direção a práticas mais integradas ao texto e ao discurso.

Nesse sentido, este estudo reforça a relevância de repensar o ensino de gramática da língua portuguesa à luz das contribuições do ensino de línguas estrangeiras, considerando as especificidades da língua materna. A aproximação entre essas áreas pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais significativas, que sejam capazes de promover o

desenvolvimento das competências linguística, comunicativa e crítica dos estudantes, o que inclui a capacidade de refletir sobre o funcionamento de gramática na estruturação textual e na construção dos sentidos.

Concluindo, espera-se que este trabalho contribua para as reflexões futuras sobre o papel do livro didático, das metodologias e das tecnologias no ensino de gramática, não desconsiderando o uso do livro didático, mas aprimorando esse uso, em relação ao conteúdo e à maneira como é elaborado e passado aos alunos para que os objetivos sejam alcançados. Deste modo, gostaria de incentivar os professores e pesquisadores a buscarem práticas que tornem o ensino da língua mais contextualizado, significativo e alinhado às demandas do mundo contemporâneo, podendo até fazer com que os alunos se apaixonem e vejam a beleza que há em seu próprio idioma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BACICH, Lilian; MORAN, José; *Metodologias ativas para uma educação inovadora*, 2017, Penso Editora Ltda., 2018. Porto Alegre.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Brasília: MEC, 2018.

CELCE-MURCIA, Marianne; LARSEN-FREEMAN, Diane. *The grammar book: An ESL/EFL teacher's course*. 2. ed. Boston: Heinle & Heinle, 1999.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CREPALDI, Eliane; SANTOS, Ana Paula dos. Práticas de leitura na escola e formação do leitor crítico. *Revista Educação & Linguagem*, v. 22, n. 1, 2019.

FERREIRA, Mauro. *Gramática Aprender e Praticar* Editora FTD – Ed. Renovada / De acordo com a nova ortografia.

FRANCHI, Carlos. **Criatividade e gramática**. São Paulo: SE/CENP, 1991.

JUNQUEIRA, Thaís. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, volume 3(1), p. 167-203 (2018).

JUNQUEIRA, Priscila Correa; JUNQUEIRA, Larissa Correa e SILVESTRE, Hugo de Andrade. **Letramento digital no ensino fundamental nos anos iniciais**. Site: pibidletramentodigital.blogspot.com (Acesso 26 jul 2025)

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 2005.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Editora Papirus. 2012. P.141

LOBATO, Lúcia. O que o professor da educação básica deve saber de linguística. In: E. N. S. Pilati, R. R. Naves, H. G. Vicente. H. M. M. Lima-Salles (Orgs.). **Linguística e Ensino de Línguas**. Coleção Lucia Lobato. v. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

LOPES, Marília G. **O ensino da concordância verbal na educação básica: reflexão linguística e consciência morfossintática no livro didático**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDEIROS, Karen Priscila Barreto; AZEVEDO, Ana Clara Castro; ANDRADE, Andréia Gomes da Silva; SILVA, Heloiza Aline Pereira. **O uso das tecnologias como recurso facilitador para aquisição da leitura e escrita na educação básica**. In. X Congresso Nacional de Educação, Tecnologias e educação CE, vol 3, set. 2024

MELO, Fabiana Muricy De. **Língua Inglesa**. São Paulo: Poliedro sistema de ensino, 2023.

PILATI, Eloisa. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. Campinas, SP: Pontes Editores. 2017.

PILATI, Eloisa N.; WEISSHEIMER, Janaína; PRADO, Ana Paula. Os conceitos de língua e de leitura presentes na BNCC auxiliam o professor da Educação Básica. **Scripta** 27, 59, p. 67-91, 2023.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

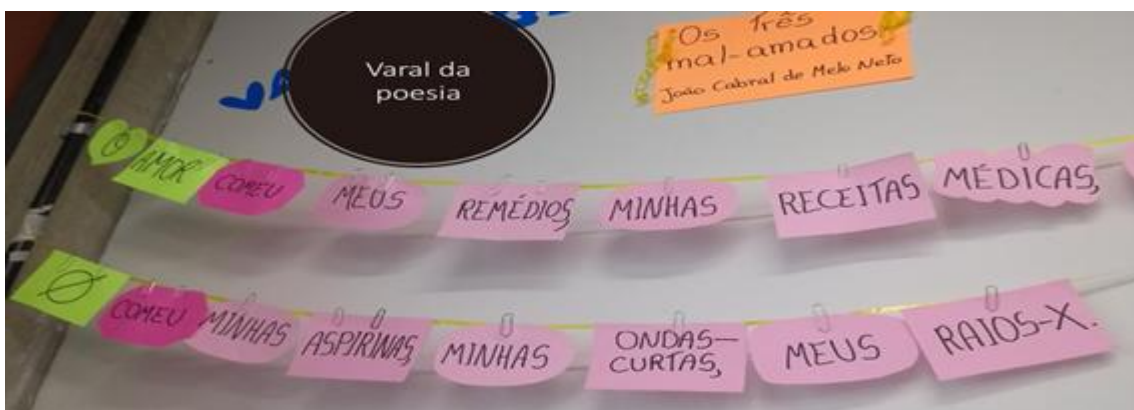
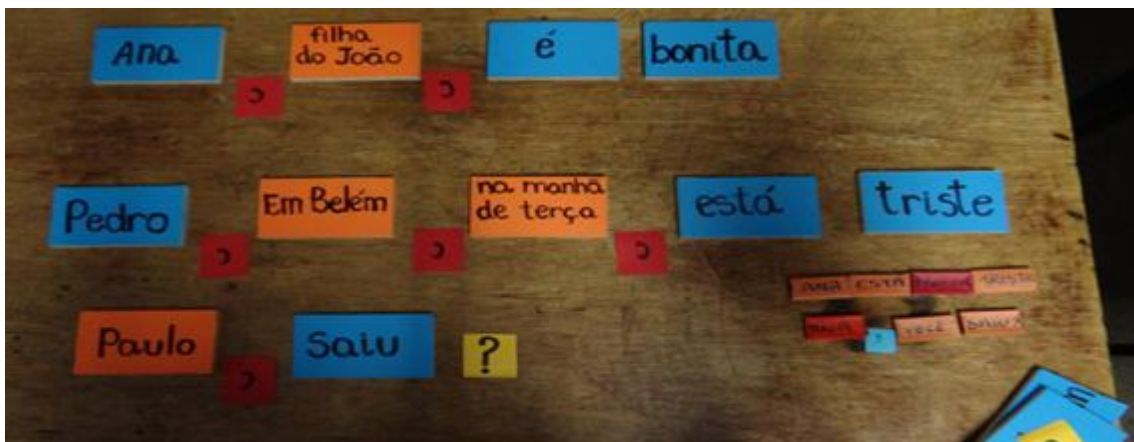
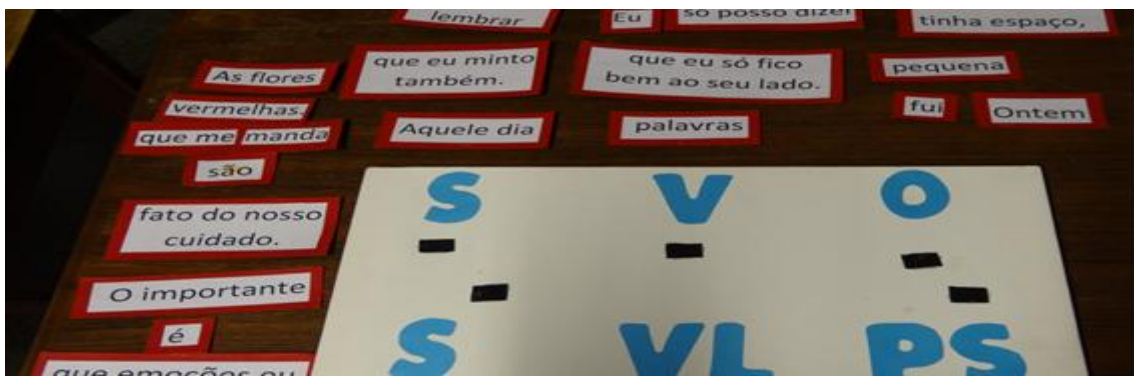
RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. *Approaches and methods in language teaching*. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

SILVA, J. I. O.; PINHO, A. P. de. ***As tecnologias digitais no ensino de língua portuguesa***. Texto Livre, 2025. DOI:10.1590/1983-3652.2025.56954. Acesso em: 21 jul. 2025

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In.: **Revista Brasileira de Educação** – ANPED. nº 25,2004

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## ANEXOS



## Sobre Pronomes possessivos, a abordagem da gramática no ensino de língua portuguesa

### Estudo dos pronomes (1ª parte – continuação)

#### • Pronomes possessivos

Leia este diálogo entre Hagar e Helga, mulher dele.



Dik Browne – Hagar

Agora observe os destaques nas falas dos dois personagens:

- ... só íamos levar **nossas** necessidades básicas!

↑ Palavra associada a "necessidades" para indicar que se trata de necessidades de Helga (pessoa que fala – 1ª pessoa do discurso) e de Hagar (pessoa que ouve – 2ª pessoa do discurso).

- Você leva as **suas** necessidades básicas...

↑ Palavra associada a "necessidades" para indicar que se trata de necessidades só de Helga (pessoa que ouve – 2ª pessoa do discurso).

- ... eu levo as **minhas**.

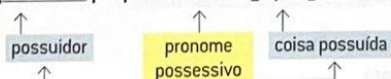
↑ Palavra associada a "necessidades" (em elipse) para indicar que se trata de necessidades só de Hagar (pessoa que fala – 1ª pessoa do discurso).

As palavras **nossas**, **suas** e **minhas** são exemplos de pronomes possessivos.

**Pronomes possessivos** são pronomes que se referem às três pessoas do discurso (1ª, 2ª, 3ª) para indicar que alguma coisa lhes cabe ou pertence.

Uma característica típica dos pronomes possessivos é que eles relacionam a coisa possuída à pessoa gramatical possuidora. Observe:

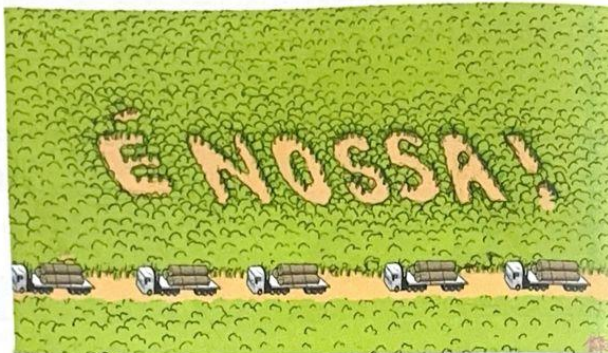
- O pescador preparou sua frágil jangada e saiu para o mar.



Essa correlação "possuidor – coisa possuída" determina, para cada pessoa gramatical, os respectivos pronomes possessivos. Veja o quadro:

	Pronomes pessoais	Pronomes possessivos
Singular	eu (1ª pessoa)	meu(s), minha(s)
	tu (2ª pessoa)	teu(s), tua(s)
	você (2ª pessoa)	seu(s), sua(s)
	ele/ela (3ª pessoa)	seu(s), sua(s)
Plural	nós (1ª pessoa)	nosso(s), nossa(s)
	vós (2ª pessoa)	vosso(s), vossa(s)
	vocês (2ª pessoa)	seu(s), sua(s)
	eles/elas (3ª pessoa)	seu(s), sua(s)

Agora veja este cartum:



Amarildo - www.amarildo.com.br

*O possessivo "nossa" associa-se à primeira pessoa do plural: nós. Mas... a cena representada nesse cartum subentende uma irônica pergunta: a quem se refere esse "nós", ou seja, a quem realmente pertence a floresta?*

## Principais empregos dos pronomes possessivos

### a. Os possessivos **seu, sua, seus e suas** e o duplo sentido

Quando falamos (ou escrevemos), podemos tratar nosso interlocutor (ouvinte ou leitor) por **tu** ou por **você**. O quadro da página anterior mostra que ao pronome **tu** associam-se os possessivos **teu, tua, teus e tuas** e ao **você** associam-se **seu, sua, seus e suas**. Assim, por exemplo:

- *Tu* não estás preocupado com **teu** futuro?
- *Você* não está preocupado com **seu** futuro?

No entanto, os possessivos **seu, sua, seus e suas** também são usados em relação à 3ª pessoa do discurso. Esse fato pode provocar ambiguidade em certos enunciados. Veja, por exemplo:

- Márcia, diga a Paulo que aceitarei **sua** proposta.

↑  
Proposta de quem: de Márcia ou de Paulo?

Para eliminar o duplo sentido, pode-se usar, nesse caso:

- Márcia, diga a Paulo que aceitarei **tua** proposta.

↑  
Proposta de Márcia

ou

- Márcia, diga a Paulo que aceitarei a proposta **dele**.

↑  
Proposta de Paulo

### b. Possessivos relacionados a pronomes de tratamento

Em relação aos pronomes de tratamento com a forma "Vossa" (Vossa Senhoria, Vossa Excelência etc.), empregam-se os possessivos **seu, sua, seus, suas**. Exemplo:

- Senhor Senador, é obrigação de *Vossa Excelência* respeitar **seus** eleitores.

[E não: Senhor Senador, é obrigação de Vossa Excelência respeitar vossos eleitores.]

### C. Pronomes oblíquos com valor de possessivos

Os possessivos podem, em certos contextos, ser substituídos por pronomes oblíquos de sentido equivalente. Veja as correlações:

- meu(s), minha(s) → **me**
- teu(s), tua(s) → **te**
- seu(s), sua(s) → **lhe(s)**

- nosso(s), nossa(s) → **nos**
- vosso(s), vossa(s) → **vos**

Exemplos:

- O barulho foi tão forte, que **me** doeram os ouvidos.

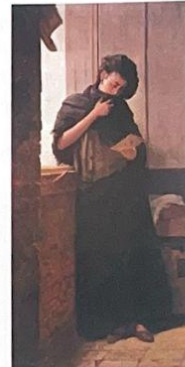
↑ = **meus** ouvidos doeram

- **Aperta-te** ainda o coração quando pensas nele?

↑ = o **teu** coração ainda aperta

- A volta dos amigos reavivou-**lhe** a vontade de estudar.

↑ = reavivou **sua** vontade de estudar



J. F. de Almeida Junior, *Saudade* - 1899. Óleo sobre tela. Pinacoteca do Estado, SP.

*Saudade* – quadro do pintor brasileiro Almeida Júnior.

## RESUMINDO O QUE VOCÊ ESTUDOU

## Unidade 14

## FICHA Nº 2

### Estudo dos pronomes (1ª parte – continuação)

**Pronomes possessivos** são pronomes que se referem às três pessoas do discurso (1ª, 2ª, 3ª), indicando que elas possuem alguma coisa.

Ex.: Leve daqui **seu** pessimismo e deixe-me em paz com **meus** projetos.

#### ■ Correlações entre os pronomes pessoais e os possessivos

- |                                 |                                    |
|---------------------------------|------------------------------------|
| • eu – meu(s), minha(s)         | • nós – nosso(s), nossa(s)         |
| • tu – teu(s), tua(s)           | • vós – vosso(s), vossa(s)         |
| • ele/ela/você – seu(s), sua(s) | • eles/elas/vocês – seu(s), sua(s) |

■ **Ambiguidade** – as formas **seu(s)**, **sua(s)** podem, em certos contextos, gerar duplo sentido.

Ex.: Depois da festa, Fernando levou Sandra para **sua casa**.

↳ casa de Fernando ou de Sandra

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

1. Leia este pequeno texto:

### O grande diário

Seu autor é o coronel Ernest Loftus. Ele começou a escrevê-lo em 4 de maio de 1896, com a idade de 12 anos [...]. Terminou-o aos 103 anos, em 7 de julho de 1987, dia de sua morte.

Revista Isto É. São Paulo: Editora Três, n. 1225. p. 70.

A respeito de alguns aspectos da organização textual desse trecho, assinale a afirmação **incorreta**:

- no título, a mudança de posicionamento do adjetivo alteraria o valor semântico dessa palavra.
- em suas duas ocorrências, o oblíquo "o" estabelece coesão anafórica com um mesmo referente.
- a substituição do segmento "a escrevê-lo" por "a ser escrito" mudaria o referente do pronome "ele", além de exigir alterações na redação do trecho.
- a substituição de "morte" por "publicação" alteraria o referente do possessivo "sua".
- os possessivos "seu" e "sua" têm um mesmo referente.

2. Suponha que uma pessoa diga a outra o seguinte:

Márcia,  **você**  está sendo injusta com o Júlio! Lembre- **se**  de que, em nossa última reunião,  **ele**  ficou indignado quando  **seu**  irmão  **lhe**  disse que não estava nem um pouco preocupado com as dívidas da loja.

- Classifique os pronomes destacados.
- Dois desses pronomes geram, nesse contexto, problemas de sentido. Identifique-os e explique qual é o problema.
- Se o falante se dirigisse a Márcia tratando-a na 2ª pessoa do singular, o problema referido em **b** continuaria existindo? Por quê?

3. (Vunesp-SP) Leia este trecho de uma crônica:

[...]  
 Todo mundo fala mal dos donos da comunicação, mas só de longe. E ninguém fala mal deles por escrito porque quem fala mal deles por escrito nunca mais vê seu nome e sua cara nos "veículos" deles. [...]

Pois é; tem gente que faz greve, faz revolução, faz terrorismo, todas essas besteiras. Corajoso mesmo, eu acho, é falar mal de dono de comunicação.  **Ai tua**  revolução fica xifrim.  **teu**  terrorismo sai em corpo 6 e se  **você**  morre vai lá pro fundo do jornal em quatro linhas.

Millôr Fernandes. *Que país é este?*, 1978.

No segundo período, a discrepância dos possessivos  **teu**  e  **tua**  (segunda pessoa do singular) com relação ao pronome  **você**  (terceira pessoa do singular) justifica-se como:

- possibilidade permitida pelo novo sistema ortográfico da língua portuguesa.
  - um modo de escrever característico da linguagem jornalística.
  - emprego perfeitamente correto, segundo a gramática normativa.
  - aproveitamento estilístico de um uso do discurso coloquial.
  - intenção de agredir com mau discurso os donos da comunicação.
4. A principal função dos pronomes pessoais é denotar as pessoas gramaticais. Muitas vezes, no entanto, as formas oblíquas desses pronomes podem ser empregadas como recurso estilístico para exprimir ideia de posse ou pertinência. Compare:

- Quando criança, viagens e aventuras heroicas povoavam os  **seus**  sonhos.
- Quando criança, viagens e aventuras heroicas povoavam  **lhe**  os sonhos.

De acordo com esse exemplo, reescreva as frases a seguir, substituindo o possessivo destacado pelo pronome oblíquo semanticamente equivalente.

- Perturba a  **tua**  consciência, meu amigo, uma culpa que certamente não tens.
- A lembrança daqueles tempos felizes enche ainda a  **minha**  alma de alegria.
- Alguns cabelos brancos, os primeiros sinais da velhice, surgiam nas  **suas**  têmporas.
- Eles se julgavam administradores competentíssimos, mas a falência da empresa diminuiu a  **sua**  arrogância.

5. Leia o texto:

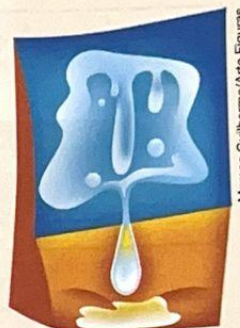
### Águas: abundância e escassez

12 de abril de 1961. O Major Yuri A. Gagarin dá a volta completa em torno da Terra em 1 hora e 40 minutos. "A Terra é azul!".

A mensagem remete-nos à preeminência da água. Ela recobre 3/4 da superfície do nosso planeta e constitui também 3/4 do nosso organismo. Entre todos os elementos que compõem o universo, a água é talvez aquele que melhor simboliza a essência do homem, desempenhando um papel fundamental no nosso equilíbrio. [...]

Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/aguas/aguas02.htm>>.

Acesso em: 12 mar. 2014.



Marcos Guilherme/Arte Figuras

O autor faz uso de determinadas formas pronominais como recurso para despertar no leitor uma reação de maior interesse e comprometimento relativamente à problemática analisada. Explique de que recurso se trata e identifique as palavras por meio das quais ele se evidencia no texto.

6. Na tira humorística a seguir, as mulheres do primeiro quadro são Honi, irmã do garoto Hamlet, e Helga, mãe dele. Hernia é a namoradinha de Hamlet.



Dik Browne. *O melhor de Hagar, O Horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

- O pronome do segundo quadro substitui que substantivo?
  - Considerando a fala de Honi no segundo quadrinho, responda: no primeiro quadro ela e a mãe atribuíram o mesmo sentido à expressão "tomando conta de Hamlet"? Justifique.
  - Se Honi, em vez de usar a forma "(d)ela", tivesse optado pelo possessivo **seu**, o que ocorreria com o sentido da frase do segundo quadrinho?
7. Os pronomes possessivos, embora tenham como função principal expressar relações de posse ou pertinência, podem ser empregados com certos valores semânticos particulares. Considerando tal fato, explique, concisamente, o sentido dos possessivos destacados nos enunciados a seguir.
- Quando meu pai mudou-se para cá, ele devia ter **seus** vinte anos.
  - "Jogue a cópia da chave por debaixo da porta, que é pra não ter motivo de pensar numa volta. Fique junto dos **seus**, boa sorte, adeus!" (Ivan Lins/Vitor Martins)
  - Quando criança, ele não parava quieto: vivia aprontando das **suas**.
  - Ora... o que é isso, **seu** medroso? Vai me dizer que tem medo de escuro?

**Sobre Pronomes possessivos, a abordagem da gramática no ensino de língua inglesa**



Yoga is good for mind. When practicing it, people must ask themselves "How do I feel?" instead of "How do I look?".

You may assume it is early to think about aging, but the sooner you begin taking care of your body the healthier it becomes. According to the Centers for Disease Control and Prevention, good nutrition and exercise allows you to have a healthy body, to live an active life and to boost your immune system, what helps you prevent and fight diseases.

But what is a healthy body anyway? Does it mean being as thin as the young top models from magazines? Not at all. Prioritizing healthy habits does not mean focusing on physical appearance, as healthy bodies come in all shapes and sizes. Since the 1960s, the fitness culture stated that to be fit is to be slim, and the weight-loss culture imposed absurd stereotypes on the society as a whole. Having healthy eating habits and exercising for fun or as a means of achieving wellness were substituted by the alienating culture of fitness.

Fortunately, the paradigm of health is changing and becoming more inclusive, and the barriers that stopped people from exercising and acquiring healthy eating habits are being destroyed. Children, teenagers, adults and older people from all shapes, colors, nationalities, social conditions and beliefs are becoming more aware of this, making healthy choices about diet, exercise and sleep and staying positive. Listen to your body and make wise choices. Your older "you" will be thankful!

- How do you select your food? Do you make healthy choices? In what way does your body respond to your choices?
- How often do you practice physical exercises? Why do you do it (or don't do it)?
- Do you believe lifestyle changes really improve mood and emotional wellness? If yes, how? If no, why?

✦ Neste capítulo, será abordada a habilidade **EM13LGG403**.

## Pronouns

Read the following comic strip.



Excerpt from 'The Simpsons' used with the permission of 20th Century Fox and The Cartoonist Group. All rights reserved.

1 To what extent is it linked to the topic of this unit?

.....

2 What does the woman want the boy to eat?

.....

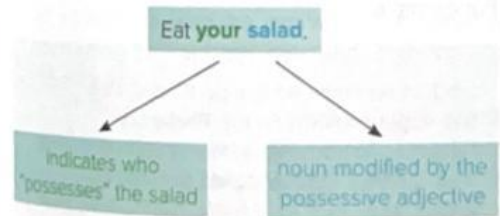
3 What makes the comic strip funny?

.....

4 Now, observe the comic strip again and underline the pronouns. Remember, as defined by *Merriam Webster dictionary*, a pronoun is "any of a small set of words in a language used as a substitute for nouns or noun phrases and whose referent is named or understood in the context".

### Possessive adjectives

An adjective is a part of speech that is added to or related to a noun to modify or describe it. Possessive adjectives (or possessive determiners) refer to words which modify a noun by showing a form of possession or a sense of belonging to a particular person or thing, as well as relation between people or things. Take the sentence from the comic strip:



Look at the examples with the most basic possessive adjectives that are commonly used in the English language and their correspondence with the subject pronouns:

Subject pronouns	Possessive adjectives	Examples
I	My	My diet is very healthy.
You	Your	What do you carry in your lunchbox?
He	His	This is Freddy, his daily routine is admirable!
She	Her	Bia and her sister study in different towns.
It	Its	Look at that platypus! Its beak is flat.
We	Our	We just love our English teacher!
You	Your	Sue and July, please put your bikes away.
They	Their	The doctors keep their routines super busy.

### Possessive pronouns



**Possessive pronouns** (or **independent possessive pronouns**) also indicate possession, belonging or relation, however, they are used to avoid repeating information that is already clear. In other words, they replace the combination **possessive adjective + noun**.

**My Pilates classes** are on Mondays, **her Pilates classes** are on Tuesdays and **his Pilates classes** are on Wednesdays. (very repetitive)

**My Pilates classes** are on Mondays, **hers** are on Tuesdays and **his** are on Wednesdays. (more realistic)

Look at the examples with the possessive pronouns and their correspondence with the subject pronouns:

Subject pronouns	Possessive pronouns	Examples
I	Mine	I love your gym outfit! Mine is not so comfortable.
You	Yours	My name is Fabiana, and what is yours?
He	His	Let's try Tony's salad! His looks more delicious than ours.
She	Hers	Why do you keep carrying her umbrella? Hers is different from yours.
It	Its*	
We	Ours	Liz, we found your room. Have you found ours?
You	Yours	My kick box classes last 40 minutes. Do yours take longer?
They	Theirs	Our houses are in New York, and theirs are in New Zealand.

\*We don't usually use its as a possessive pronoun.

## Watch out!

### Yours

If you ever need to write an e-mail (or a letter!) and you do not know the name of the recipient (the e-mail usually starts with "Dear Sir or Madam"), end it with: "Yours faithfully" (British) or "Yours truly" (American). When you know the name of the recipient ("Dear Miss Lima"), end it with "Yours sincerely" (British) or "Sincerely yours" (American).

## Special constructions

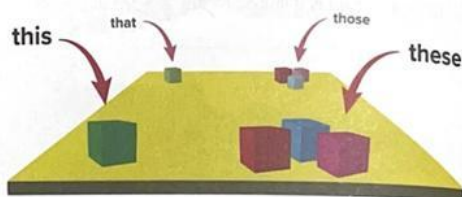
It is common to use a possessive pronoun after the preposition of:

A friend of yours is a friend of mine.

She is wearing a dress of hers.

## Demonstrative pronouns

The demonstrative pronouns are used to indicate distance in time or space in relation to the speaker, and they can be either singular or plural. Demonstrative pronouns are usually used to describe animals, places, or things, and it is considered rude to use a demonstrative pronoun to refer directly to a person, except when making introductions.



**This** is my friend, Jenny.

**That** looks like the building where I live.

**These** are cool yoga poses, but they look hard to perform.

**Those** are interesting facts.

Many times, in texts, we use the **demonstrative pronouns** to replace nouns or noun phrases in a sentence, representing that which is nearby in space or time. In such cases, we must use context to clarify what is being referred to, and they are usually used to refer to previously mentioned things, ideas or topics. For example:

Doctors recommend five portions of fruit and vegetables every day. **These** are supposed to boost your energy and make your brain smarter. "These" refers to fruits and vegetables.

## Grammaring

Texto para as questões de 5 a 9.

### Adolescents: health risks and solutions

13 December 2018

Around 1.2 billion people, or 1 in 6 of the world's population, are adolescents aged 10 to 19. Most are healthy, but there is still substantial premature death, illness, and injury among adolescents. Illnesses can **hinder** \_\_\_\_\_ ability to grow and develop to \_\_\_\_\_ full potential.

[...]

Promoting healthy behaviors during adolescence and taking steps to better protect young people from health risks are critical for the prevention of health problems in adulthood, and for countries' future health and ability to **develop** and thrive.

[...]

#### Mental health

Depression is one of the leading causes of **illness** and disability among adolescents, and suicide is the second leading cause of death in adolescents. Violence, poverty, humiliation and feeling devalued can increase the risk of developing mental health problems.

Building life skills in children and adolescents and providing \_\_\_\_\_ with psychosocial support in schools and other community settings can help promote good mental health. Programmes to help **strengthen** the ties between adolescents and their families are also important. If problems arise, \_\_\_\_\_ should be detected and managed by competent and caring health workers.

[...]

#### Undernutrition and obesity

Many boys and girls in developing countries enter adolescence undernourished, making them more vulnerable to disease and early death. At the other end of the spectrum, the number of adolescents who are overweight or obese is increasing in low-, middle- and high-income countries.

Globally, in 2016, over one in six adolescents aged 10–19 years was overweight. Prevalence varied across WHO regions, from lower than 10% in the WHO South-East Asia Region to over 30% in the WHO Region of the Americas.

#### Physical activity

Physical activity provides fundamental health benefits for adolescents, including improved cardiorespiratory and muscular fitness, bone health, maintenance of a healthy body weight, and psychosocial benefits. WHO recommends for adolescents to accumulate at least 60 minutes of moderate- to vigorous-intensity physical activity daily, and \_\_\_\_\_ may include play, games, sports, but also activity for transportation (such as cycling and walking), or physical education.

Globally, \_\_\_\_\_ are guidelines met by only 1 in 5 adolescents. Prevalence of inactivity is high across all WHO regions, and higher in female adolescents as compared to male adolescents.

To increase activity levels, countries, societies and communities need to create safe and **enabling** environments and opportunities for physical activity for all adolescents.

[...]

"Adolescents: health risks and solution". World Health Organization, December 13<sup>th</sup>, 2018. Available at <<https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/adolescents-health-risks-and-solutions>>. Accessed on September 29<sup>th</sup>, 2021.

- 5 Choose the alternative that presents the correct sequence of pronouns to fill in the blanks in the text.
- a) his – his – them – they – this – these
  - b) their – their – him – he – this – these
  - c) their – their – them – they – these – this
  - d) their – their – them – they – this – these
- 6 Mark **T** (true) or **F** (false) for the following statements according to the information in the text. Correct the false statements.
- a) ( ) If teenagers around the world acquire healthier habits, they tend to have fewer health problems.

- b) ( ) Offering kids and teenagers opportunities to develop good mental health may reduce several mental diseases, such as depression.

c) ( ) Undernutrition is still a serious problem in the world, but obesity is controlled and diminishing in low-, middle- and high-income countries.

---



---



---



---



---

d) ( ) Because physical activity is very important for their health, 80% of adolescents in the world follow the guidelines.

---



---



---



---



---

7 Match the words bolded in the text with their correct definitions according to the context.

- |            |               |
|------------|---------------|
| a) hinder  | d) strengthen |
| b) develop | e) such as    |
| c) illness | f) enabling   |

- ( ) (predeterminer, determiner, pronoun) of a particular or similar type.
- ( ) (verb) to limit the ability of someone to do something, or to limit the development of something.
- ( ) (adjective) making something possible or easier.

- ( ) (verb) to (cause something to) grow or change into a more advanced, larger, or stronger form.
- ( ) (noun) a disease of the body or mind.
- ( ) (verb) to make something stronger or more effective, or to become stronger or more effective.

Available at <<https://dictionary.cambridge.org>>  
Accessed on September 29<sup>th</sup>, 2021. (Adapted)

8 World Health Organization (WHO) primary role is to direct and coordinate international health within the United Nations system. Working with 194 Member States, across six regions, and from more than 150 offices, WHO staff are united in a shared commitment to achieve better health for everyone, everywhere. What is the relation between the text produced by this institution and the theme of this chapter?

---



---



---



---



---

9 Now, read the sentences below and fill in the blanks with the possessive adjectives or possessive pronouns.

- a) This is \_\_\_\_\_ brother Matheus.
- b) The boy has got a new computer. It's \_\_\_\_\_.
- c) I haven't seen Anna and Charlie's children for years. Which ones are \_\_\_\_\_?
- d) My sister and I like to play hide and seek. The sofa under the stairs is \_\_\_\_\_ favorite hiding place.
- e) Maria's dad often helps \_\_\_\_\_ younger sister with \_\_\_\_\_ studies. Today Maria asked him if he could help her with \_\_\_\_\_ too.

### PRACTICE IT!

Unesp 2018 Leia o texto para responder às questões de 1 a 3.

#### When it comes to politics and 'fake news', facts aren't enough



The myth that vaccines cause autism has persisted, even though the facts paint an entirely different story.

In today's political climate, it sometimes feels like we can't even agree on basic facts. We bombard each other with statistics and figures, hoping that more data will make a difference. A progressive person might show you the same climate change graphs over and over while a conservative person might point to the trillions of dollars of growing national debt. We're left wondering, "Why can't they just see? It's so obvious!".

Certain myths are so pervasive that no matter how many experts disprove them, they only seem to grow in popularity. There's no